TCC/UNICAMP
Sc31g
1561 FEF/132

EDUARDO DE ALMEIDA SCHIAVO

Gestão de esportes de montanha: considerações para atuação do profissional de Educação Física a partir do Protocolo da Aguiperj

Monografia desenvolvida como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Treinamento em Esportes pela Faculdade de Educação Física, da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. José Júlio Gavião de Almeida.

Campinas, novembro de 2002.

TCC/UNICAMP
Sc31g
1290001561

EDUARDO DE ALMEIDA SCHIAVO

Gestão de esportes de montanha:

considerações para atuação do profissional de Educação Física

a partir do Protocolo da Aguiperj

UNICAMP
2002

Sumário

Introdução 1

Capítulo I

Guia de Montanha... uma profissão? 2

Capítulo II

Metodologia 4

Transcrição do Protocolo da Aguiperj 4

Capítulo III

Respostas a possíveis questionamentos do profissional de Educação Física 11

Capítulo IV

O profissional de Educação Física como Guia de Montanha 17

Considerações Finais 21

Referências Bibliográficas 22

Capítulo I - Guia de Montanha... uma profissão?

Montanhismo, escalada em rocha, caminhada, diferentes atividades que fazem das montanhas um paraíso onde se encontram sensações excitantes e enriquecedoras. Um grande e inesgotável terreno de jogo para todos, desde os que pretendem somente um passeio tranqüilo até os praticantes de escaladas técnicas em alta montanha.

Em seu livro *Com unhas e dentes*, Sergio Beck relata que:

> "Em 1967 Lito Tejada Flores (escalador californiano dos anos 60) escreveu um magnífico ensaio chamado 'Jogos que os Escaladores Jogam' (...) Neste artigo, LTF introduzia a noção de que escalada não era exatamente *um* esporte homogêneo, mas um conjunto de diferentes jogos, cada um com seus próprios adeptos, distintos *playgrounds*, diferentes problemas e satisfações, e talvez o mais importante, suas próprias regras. E passava então a segmentar as escaladas em geral como uma hierarquia de jogos-de-escalada, cada um definido por seu conjunto de regras, e uma arena apropriada". (BECK, 1996, pp. 7-8).

Diante das considerações do autor percebemos nos *jogos-de-escalada* um conteúdo diretamente relacionado com o campo de conhecimento da Educação Física. São de domínio deste profissional, conceitos como estrutura do esporte, definição de regras, preparação física, citando apenas alguns emergentes dentre tantos outros ligados ao montanhismo.

Na situação atual do mercado de trabalho faz-se necessário agregar cada vez mais conhecimentos e possibilidades de atuação profissional. Neste âmbito, surgem oportunidades para o profissional de Educação Física, no que diz respeito às possíveis intervenções técnicas tanto na estrutura destes *jogos-de-escalada* quanto na preparação física e técnica dos praticantes. Outra possibilidade é a utilização destes jogos em atividades educacionais ou recreativas com outros fins diferentes da prática esportiva.

A massificação de esportes não-convencionais fez com que um incontável número de pessoas passasse a exercer a *profissão* de Guia ou Instrutor de atividades outdoor. Praticantes passaram a educadores responsáveis por conduzir e assegurar pessoas em um ambiente ou prática muitas vezes sem estarem aptos para realizar tal tarefa.

Quanto à importância da formação do guia de atividades outdoor, AGUILERA (2001) diz que:

> "la banalización de estas actividades y la facilidad de acceso a muchas montañas, hace que no se tome demasiado en serio el tema

> de formarnos adecuadamente en cursos dirigidos por profesionales titulados o de contratar un guia de montaña para contar con la máxima seguridad. A facilidad de acceso (...) provoca que personas sin un mínimo de equipo o conocimientos se adentren en un terreno cambiante y peligroso." (AGUILERA, 2001, p.10)

O autor ressalta que a banalização dos esportes de montanha através de sua superexposição na mídia faz com que praticantes pouco preparados arrisquem-se em *aventuras* perigosas sem dar a devida importância ao acompanhamento de um guia ou instrutor devidamente capacitado para atuar neste ramo.

O principal objetivo deste trabalho é apresentar as atividades de Guia de Montanha e Instrutor de Escalada como possíveis campos de atuação para o profissional da Educação Física. Para isso, utilizaremos o protocolo da Associação de Guias e Profissionais de Escalada do Rio de Janeiro (Aguiperj), a primeira iniciativa no Brasil em formar uma entidade de classe voltada para a profissionalização das pessoas que pretendem trabalhar como guias no estado do Rio de Janeiro.

Capítulo II - Metodologia

A Aguiperj produziu um extenso protocolo com suas exigências e normas para a formação de guias e instrutores profissionais, perfeitamente capacitados para atuar junto a praticantes de atividades outdoor em ambientes muitas vezes inóspitos e cheios de perigos aparentes ou não.

Apresentaremos este protocolo em sua íntegra e, a partir desta apresentação elucidaremos possíveis dúvidas advindas de uma leitura sob o olhar de profissionais de educação física sem muitos conhecimentos da modalidade.

Será escrito um capítulo demonstrativo com respostas para tais dúvidas e em seguida, serão feitas considerações a respeito da afirmação de que o profissional da Educação Física seria um dos mais capacitados para atuar nesta área.

Transcrição do Protocolo da Aguiperj

Pré-requisitos para se tornar um Instrutor de Escalada ou um Guia de Montanha Profissional

Guias de Montanha e Instrutores de Escalada são especializados em ambientes de montanha e terrenos que requerem o uso de equipamentos para segurança. Isto inclui caminhadas, caminhadas com trechos de escalada, top-rope, escalada esportiva e vias de várias enfiadas.

Há dois níveis de certificação:

O primeiro é o Instrutor de Escalada. É a certificação para quem vai trabalhar em vias que sejam no máximo de D3[1] (4 a 6 horas) e que sejam praticamente em linha reta, sem dificuldades para rapelar ou efetuar resgates. A aproximação também não pode ser complexa.

O segundo nível é o Guia de Montanha. Este certificado é para aqueles que estão aptos a trabalhar em todos os níveis da escalada em rocha. Além de guiar em regiões mais afastadas dos centros urbanos.

Em ambos os casos o candidato deve ser experiente e competente em escaladas curtas, médias e longas, guiando um ou mais participantes e em terreno variado.

[1] D1, D2, D3, D4, D5 e D6: as explicações sobre estas denominações encontram-se na parte final deste documento.

O objetivo do curso do Guia de Montanha e Instrutor de Escalada é aprimorar as habilidades necessárias para guiar e instruir em terrenos de escalada em rocha.

Para ser credenciado como Instrutor de Escalada ou Guia de Montanha é necessário seguir os seguintes passos:

Primeiro Passo (Histórico pessoal)

É pré-requisito para o curso de Instrutor de Escalada, um currículo do escalador que mostre um mínimo de experiência de guiada.

1. Requisitos Básicos:

· Idade mínima de 18 anos.

· Apresentar atestado médico declarando ser apto para a prática de esportes.

· Estar de acordo e respeitar a ética da AGUIPERJ.

· Ter certificado de curso de primeiros socorros com carga horária de 32 horas, ou superior (validade máxima 2 anos).

· Escalar há pelo menos 5 anos.

2. O candidato deve ter guiado pelo menos 80 vias diferentes. Em cada uma delas deve citar o nome da via, a duração da escalada, o grau, o(s) parceiro(s) com quem escalou, e a data aproximada.

Para o total de vias as proporções mínimas aceitáveis em relação à duração são:

· 5 vias com duração D4 ou maior e;

· 15 vias com duração D3 ou maior e;

· 25 vias com duração D2 ou maior e;

· 35 vias com duração D1 ou maior.

Dentre as vias acima:

· 25 vias devem ter o grau geral V ou superior.

· 10 vias com lances obrigatoriamente protegidos em móvel. Destas pelo menos 1 via com parada móvel;

· 3 vias com lances de artificial fixo e 3 vias com lances em artificial móvel;

· 6 vias com lances em chaminé e 1 via ferrata;

· 6 vias em regiões de serra.

Além de 6 excursões diferentes em montanha com pernoite (caminhadas inclusive).

Segundo Passo (Curso para Instrutor de Escalada)

Objetivos:

· Demonstrar os métodos e técnicas utilizados pela AGUIPERJ para atividades guiadas;

· Ajudar o candidato a desenvolver suas habilidades de guiar e instruir através da prática, de dicas técnicas e de conselhos;

· Avaliar na prática a técnica de escalada e os conhecimentos específicos do candidato e garantir que estejam de acordo com os pré-requisitos do curso;

Durante o curso o candidato deve estar totalmente preparado para:

· Escalar com os Guias da AGUIPERJ como se fossem clientes;

· Utilizar para segurança e rappel o freio '8', ATC®, Grigri® e mosquetões;

· Fazer ancoragens;

· Ascender por corda fixa utilizando nós auto-blocantes (pelo menos dois tipos);

· Estar preparado fisicamente para um longo dia de escaladas;

· Possuir em bom estado equipamento completo para escalada de D3;

· Estar apto a usar proteções móveis: hexentrics, stoppers, tri-cams e friends;

· Guiar à vista lances de V grau, confortavelmente;

· Guiar trabalhando lances de VI;

· Escalar chaminés, diedros e fissuras;

· Guiar lances em A2;

· Conhecer os sistemas de polia 3:1 e 2:1.

Formato:

Dias inteiros de escaladas combinados com leitura e aulas teóricas.

Exemplo de vias que podem ser cobradas durante o curso: 'Italianos com Secundo', 'Secundo', 'Mincheti', 'Stop' (no Pão de Açúcar), 'K2 com K3' (no Corcovado), 'Magia Vertical', 'P3', 'Vereda Tropical' (no Pico da Tijuca), 'Fs. Primus' (no Tijuca Mirim), 'C-100' na Pedra da Gávea), 'Olimpo' (na Agulhinha), 'Lionel Terray' (na Pedra Bonita), 'Urbanoide' o (Cantagalo), 'Fs. Babarroga' (no São João), 'Nitroglicerina' (no Dona Marta) , 'A Insustentável Leveza do Ser' (nas Aderências do Sumaré) e outras.

Conteúdo do Curso:

· Orientação e preparação do cliente;

· Seleção de equipamento;

· Gerenciamento do tempo;

· Ancoragens;

· Escalada com múltiplos clientes;

· Escolha de métodos de segurança;

· Rappel e descidas com clientes;

· Escapes de parada;

· Métodos de ascensão improvisados;

· Avaliação do risco;

· Meteorologia, geologia e história natural;

· Segurança e bem estar do cliente;

· Comunicação e didática;

· Consciência ecológica;

Avaliação:

Será feita durante todo o curso e a aprovação, ou não, fica a cargo da Diretoria Técnica.

Terceiro Passo (Estágio para Instrutor de Escalada)

Comprovar 40 aulas dadas como Instrutor de Escalada após a aprovação no curso.

Quarto Passo (Certificado de Instrutor de Escalada)

O candidato se torna Instrutor e é feito seu registro na AGUIPERJ.

Quinto Passo (Curso para Guia de Montanha)

Os pré-requisitos para o curso de Guia de Montanha estão abaixo:

1. Requisitos Básicos:

· Idade mínima de 21 anos.

· Apresentar atestado médico declarando ser apto para a prática de esportes.

· Estar de acordo e respeitar a ética da AGUIPERJ.

(Ter certificado de curso de primeiros socorros com carga horária de 32 horas ou superior validade máxima 2 anos).

· Escalar há pelo menos 7 anos.

2. O candidato deve ter guiado pelo menos 70 vias diferentes. Em cada uma delas deve citar o nome da via, a duração da escalada, o grau, o(s) parceiro(s) com quem escalou e a data aproximada.

· 2 vias de D5 ou maior e;

· 10 vias com duração D4 ou maior e;

· 20 vias com duração D3 ou maior e;

· 38 vias com duração D2 ou maior e;

Dentre as vias acima:

· 25 vias devem ter o grau geral V ou superior.

· 15 vias com lances obrigatoriamente protegidos em móvel. Destas pelo menos 3 vias com paradas móveis.

· 3 vias com lances de artificial fixo e 6 vias com lances em artificial móvel.

· 6 vias com lances em chaminé e 1 via ferrata.

· 15 vias em regiões de serra.

Além de 15 excursões diferentes em montanha c/ pernoite (caminhadas inclusive). Objetivos:

· Demonstrar os métodos e técnicas utilizados pela AGUIPERJ para atividades guiadas;

· Ajudar o candidato a desenvolver suas habilidades de guiar, instruir e efetuar resgates através da prática, de dicas técnicas e conselhos;

· Avaliar na prática a técnica de escalada e os conhecimentos específicos do candidato e garantir que estejam de acordo com os pré-requisitos do curso;

Durante o curso o candidato deve estar totalmente preparado para:

· Escalar com os guias da AGUIPERJ como se fossem clientes;

· Utilizar para segurança e rappel o freio '8', ATC®, Grigri® e mosquetões;

· Fazer ancoragens;

· Ascender por corda fixa utilizando nós auto-blocantes (pelo menos dois tipos);

· Estar preparado fisicamente para um longo dia de escaladas;

· Possuir em bom estado equipamento completo para escalada de D5;

· Estar apto a usar proteções móveis: hexentrics, stoppers, tri-cams e friends;

· Guiar à vista lances de V grau, confortavelmente;

· Guiar trabalhando lances de VIsup;

· Escalar chaminés, diedros e fissuras;

· Guiar lances em A2+;

· Conhecer os sistemas de polia 3:1 e 2:1;

· Escape de paradas;

· Realizar bivaques.

Formato:

Dias inteiros de escaladas combinados com leitura e aulas teóricas.

Exemplo de vias que podem ser cobradas durante o curso: 'Íbis', 'Iemanjá', 'Ricardo Menescal', 'Lagartão', 'Galloti' (no Pão de Açúcar), 'Diretíssima Sul' (no Corcovado), Vapores da Gávea' (na Pedra da Gávea) e também as vias citadas no curso de Instrutor de Escalada.

Conteúdo do Curso:

· Orientação e preparação do cliente;

· Planejamento e preparação de excursões;

· Conhecimento técnico do equipamento;

· Seleção de equipamento;

· Gerenciamento do tempo;

· Segurança e bem estar do cliente;

· Estado do equipamento;

· Comunicação e didática;

· Preparo físico e resistência;

· Ancoragens;

· Escalada com múltiplos clientes;

· Escolha de métodos de segurança;

· Rappel e descidas com clientes;

· Escapes de parada e técnicas de resgate;

· Métodos de ascensão improvisados;

· Routefinding;

· Liderança, tomada de decisão e reação ao stress;

· Avaliação do risco e gerenciamento do risco em sua guiada;

· Consciência ecológica;

· Profissionalismo e aparência pessoal;

· Meteorologia, geologia e história natural;

· Orientação em trilha.

Avaliação:

Será feita durante todo o curso e a aprovação, ou não, fica a cargo da Diretoria Técnica.

Sexto Passo (Estágio para Guia de Montanha)

Comprovar 40 aulas dadas como Guia de Montanha após a aprovação no curso.

Sétimo Passo (Certificado de Guia de Montanha)

O candidato se torna Guia de Montanha e é feito seu registro na AGUIPERJ.

Duração das escaladas:

D1. Uma a três horas.

D2. Três a quatro horas.

D3. Quatro a seis horas.

D4. Um dia inteiro (realmente inteiro).

D5. Um ou dois dias. Um bivac é normalmente inevitável.

D6. Dois ou mais dias na parede.

Capítulo III - Respostas a possíveis questionamentos do profissional de Educação Física

Submetendo o protocolo a leituras feitas por profissionais de educação física, interessados pela profissão de Guia de Montanha, mas ainda pouco envolvidos com a modalidade, poderão surgir dúvidas a respeito de conceitos e nomenclaturas utilizados na área.

A seguir, elucidaremos tais questionamentos em forma de perguntas e respostas.

1. A partir da *linha 2* do protocolo, a Aguiperj apresenta competências do Guia de Montanha como caminhadas, caminhadas com trechos de escalada, top-rope, escalada esportiva e vias de várias enfiadas. É possível conceitua-las e diferencia-las?

Resposta: Sim, caminhadas são trechos a serem percorridos sem maiores dificuldades nem lances em relevo vertical, diferentes das caminhadas com trechos de escalada, que necessitam utilização de equipamento de segurança para ultrapassar esses trechos. Top-rope é a técnica usualmente praticada em ginásios de escalada, onde a corda é presa no escalador e passada por um ponto fixo no topo da via e novamente presa a um segurador que recolhe a corda enquanto o escalador sobe pela via. Escalada esportiva, segundo BECK (1996)

> "de fato nasceu (nos anos 80) (...) [é de] dificuldade extrema, praticamente acrobática, no limiar das possibilidades técnicas. (...) sua semelhança com as 'escaladas de aventura' é mera coincidência. De fato, como as proteções já foram todas colocadas, qualquer sensação de aventura foi expurgada, o risco é mínimo, e o desafio é 'apenas' conseguir subi-las." (p.151)

Como o próprio nome diz, este tipo de *jogo-de-escalada* é um dos poucos em que se pode competir, devido às circunstâncias controladas e de baixo risco da sua prática.

Para esclarecer o que são vias de várias enfiadas, basta compreender no que consistem as enfiadas, que são as distâncias entre as paradas (proteções fixas na rocha) para o rapel. Uma via de várias enfiadas pode ter as proteções fixas já colocadas anteriormente por seus conquistadores na rocha ou necessitar de proteções móveis que o escalador vai colocando durante a ascensão.

2. Nas *linhas 24 e 25* o protocolo cita a exigência de curso de primeiros socorros com carga horária de 32 horas, no mínimo. O curso oferecido nos cursos de Educação Física é suficiente para preencher este pré-requisito?

Resposta: Não, essas atividades geralmente são desenvolvidas em áreas remotas, ou seja, áreas em que o socorro pode estar a mais de 1 hora de distância e há necessidade de não somente chamar as equipes de socorro, mas talvez avaliar, estabilizar e remover a vítima, o que geralmente não ocorre em área urbana, devido à proximidade do socorro especializado. O curso geralmente oferecido nas faculdades não contempla essas técnicas.

3. Como conceituar a graduação citada na *linha 36*: "grau V"?

Resposta: Existe um sistema de graduação de vias de escalada que varia de país para país. Essa graduação indica o nível de dificuldade da via e leva em consideração variáveis como: facilidade de acesso, tipo das proteções a serem utilizadas, qualidade das proteções, exposição, etc... Grau V faz parte da graduação do Brasil e é considerada uma via fácil.

4. O que são "lances protegidos de móvel" e "parada móvel" (*linha 37*)?

Resposta: Lances protegidos de móvel são trechos nas vias de escalada que não possuem proteções fixas instaladas anteriormente, mas onde existe possibilidade de se utilizar equipamentos móveis os quais são colocados pelo escalador-guia e retirados pelo segundo escalador. Estes equipamentos servem simplesmente para proteger o escalador em caso de queda.

Parada móvel é uma ancoragem preferencialmente de mais de um ponto onde os escaladores ficam presos para dar segurança aos companheiros de cordada.

5. O que são "lances de artificial fixo e móvel" (*linha 38*)?

Resposta: BECK (1996) conceitua escalada artificial da seguinte forma:

> "ao contrário da escalada livre, que usa artefatos apenas para oferecer pontos de proteção ao escalador, a escalada artificial usa os mesmos artefatos para suportar o peso do escalador enquanto sobe. Isto implica em colocar peças metálicas que lhe servem de apoio para progredir, onde não se consegue subir em escalada livre." (BECK,1996, p.112)

Lances de artificial fixo são lances onde as proteções já foram colocadas anteriormente e, por isso, não há risco de falha das proteções. Lances de artificial móvel necessitam da colocação das proteções ao passo em que o escalador progride.

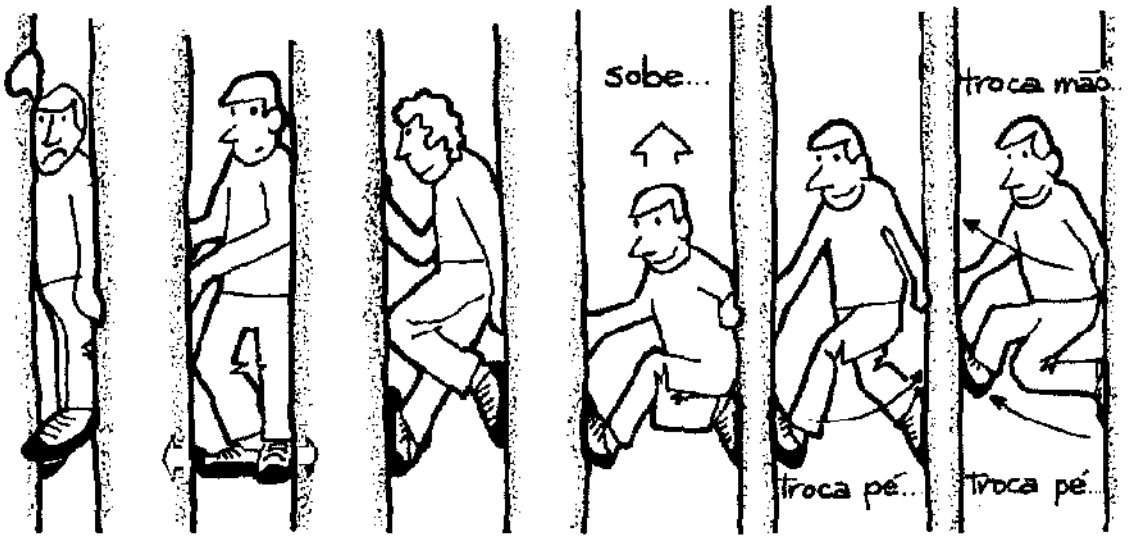
6. O que são lances em "chaminé" e "via ferrata" (*linha 39*)?

Resposta: Uma definição bastante apropriada para chaminés é a de BECK (1996):

> "Quando uma fenda já tem largura suficiente para aceitar o corpo como um todo, passa a ser considerada uma **chaminé**. O termo abrange fendas cuja largura varia desde aquelas que mal e mal admitem o escalador (tipo *suplício chinês*), até aquelas tão largas que o corpo mal consegue manter contato com suas duas paredes. (BECK, 1996, p.29)

O autor segue dizendo que qualquer que seja a largura da fenda, o princípio permanece o mesmo: o escalador empurra as faces em sentidos opostos, para se manter no lugar. Para que ocorra deslocamento é necessário um *jogo de pressões*, onde o escalador alivia ou aumenta a pressão em determinada parte do corpo a fim de ascender pela fenda.

Optamos por uma ilustração para facilitar a compreensão da definição. A figura também foi retirada de BECK (1996, p.30):



Via ferrata são caminhos que podem ser equipados com degraus metálicos ou somente correntes ou cabos de aço o que dispensa a segurança de outra pessoa, mas não exclui o uso de equipamento individual de proteção.

7. Na *linha 52* são citados "freio 8, ATC®, Grigri® e mosquetões. Como são e para que servem tais equipamentos?

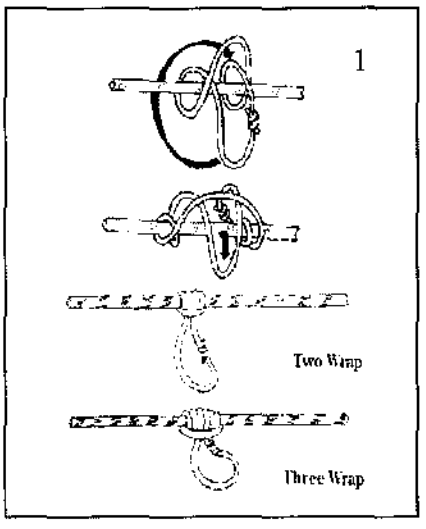
Resposta: Freio 8 e ATC® são peças metálicas utilizadas para fazer a segurança de outro escalador ou rapelar. Elas funcionam pelo atrito, fazendo a interface do escalador com a corda. Grigri® é um equipamento utilizado para fazer a segurança em escalada e que, em caso de queda do escalador-guia, se trava automaticamente.

8. O que são ancoragens (*linha 53*)?

Resposta: Ancoragens são pontos de fixação temporários ou permanentes destinados a prender os escaladores à rocha; podem ser móveis, fixas ou naturais.

9. Como são e para que servem nós auto-blocantes (*linha 54*)?

Resposta: Nós auto-blocantes servem para ascender pela corda em caso do escalador não dispor de ascensores mecânicos ou mesmo blocar a corda para alguma finalidade específica: içar uma carga, tensionar uma corda, auto-segurança em rapel, etc... Alguns dos nós mais conhecidos são *prusik, marchand e bachmann.*



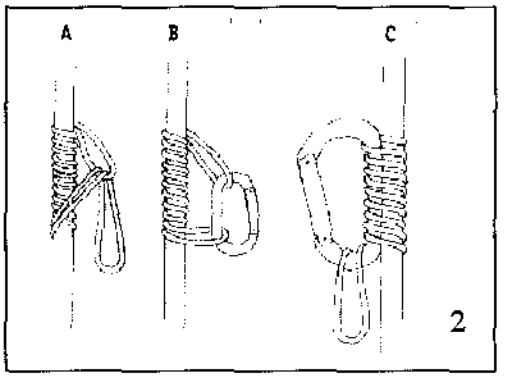


Fig. 1: Prusik

Fig. 2: A e B: Marchand e C: Bachmann

Fonte: 1. FRANK e PATTERSON (1997) e 2. AGUILERA (2001)

10. A *linha 57* sugere aptidão para usar proteções móveis como "hexentrics, stoppers, tri-cams e friends". Qual a sua utilidade e as diferenças entre elas?

Resposta: Na ausência de proteções fixas seja para fazer uma parada, uma ancoragem ou mesmo durante uma escalada, são necessárias proteções móveis, como as acima citadas, cada uma com sua especificidade, finalidade, pontos fortes e fracos.

11. O que são diedros e fissuras (*linha 60*)?

Resposta: Para BECK (1996) diedros são assim definidos: "onde duas paredes se encontram formando certo ângulo, como um livro semi-aberto, temos um diedro. O canto interno muitas vezes é percorrido por uma fenda longitudinal que oferece obviamente a primeira linha de pontos de apoio a ser procurada." (p. 32). Fissuras são fendas na rocha suficientemente estreitas apenas para se entalar no máximo as duas mãos.

12. Na *linha 61* o protocolo defende a necessidade de guiar lances em A2. O que isto significa?

Resposta: Esta denominação faz parte da classificação internacional para escalada artificial. Segundo AGUIAR (2002), "**A2**: Escalada artificial moderada: colocações geralmente sólidas, porém extenuantes e de difícil colocação. Provável ocorrer uma ou duas colocações ruins acima de uma boa e sem risco na queda."

13. O que são os sistemas de polia 3:1 e 2:1 e para que servem (*linha 62*)?

Resposta: Polias e roldanas são equipamentos metálicos utilizados para fazer sistemas de redução de peso. Esses sistemas (3:1 e 2:1) identificam a quantidade de vezes pela qual o peso é dividido de acordo com o sistema. Exemplo: uma carga de 60 Kg ao ser içada por um sistema 3:1 passará a *pesar* 20Kg, desprezando-se o atrito, supõe-se uma situação ideal.

14. O que são bivaques (*linha136*)?

Resposta: Quando é necessário pernoitar durante uma escalada ou uma caminhada e não há uma barraca disponível, ou qualquer outro tipo de abrigo, a única opção é fazer um bivaque. Para isso, basta achar um lugar protegido de intempéries (se possível) proteger-se da maneira mais segura possível e passar a noite.

16. O que é routefinding (*linha 158*)?

Resposta: A tradução literal para *routefinding* é "achar o caminho". Em escalada é necessário encontrar o caminho, a via que se pretende fazer. Isso aplica-se principalmente em vias de várias enfiadas em móvel.

Capítulo IV - O profissional de Educação Física como Guia de Montanha

A leitura do protocolo da Aguiperj nos apresenta uma realidade na qual o profissional com intenção de ingressar, já deve possuir uma grande experiência no esporte. Este, sem dúvida, é um fator limitante para qualquer profissional de Educação Física ingresse neste campo. Para prosseguir com este trabalho, levaremos em consideração a experiência exigida pela Aguiperj, sendo relevante ressaltar que este documento serve de referencial para a atuação, ou seja, um escalador menos experiente pode ainda assim assumir a responsabilidade por atividades de menor comprometimento.

Como Guia de Montanha o profissional de educação física pode atuar em várias frentes:

- Educação Ambiental;
- Treinamentos experienciais (escolas, empresas.);
- Acompanhamento de expedições científicas ou de turismo;
- Cursos de técnicas verticais, escalada, montanhismo;
- Atuar onde seja necessário garantir a segurança com ou sem a utilização de equipamentos específicos em áreas remotas;
- Treinamento de atletas praticantes de esportes de montanha.

O paradigma dessa atividade profissional passa pela mudança do espaço físico de trabalho, de área urbana para área remota, até o perfil do cliente/aluno/grupo para o qual se está trabalhando, que possui necessidades e objetivos bem diferentes dos convencionais com os quais o profissional de educação física está acostumado a trabalhar.

Esses objetivos podem ser desde um simples passeio até um curso de escalada em rocha, e as necessidades específicas são um reflexo do ambiente de trabalho que são áreas remotas, ambientes naturais.

Possibilidades de Atuação

No caso da educação ambiental o profissional de educação física é um facilitador para que as *aulas* aconteçam. Conduzir o grupo e ajudar as pessoas a relacionar-se com o meio de maneira saudável são as atribuições mais evidentes. E no caso de se fazer alguma atividade com técnicas verticais, podemos atuar como *professores*, já que tais técnicas não são de domínio comum.

Treinamentos experienciais geralmente são acompanhados de consultores de Recursos Humanos, que analisam as atitudes dos participantes durante as dinâmicas e devolvem essas informações colhidas ao grupo na forma de dicas para melhorar a performance dentro da empresa

contratante. Essas dinâmicas desenvolvidas outdoor, quase sempre necessitam de um facilitador que garante a segurança do grupo durante caminhadas ou exercícios relacionados a técnicas verticais.

Estes exercícios, pré-programados pelos consultores têm finalidades específicas, como por exemplo: melhorar o trabalho em equipe, desenvolver a autoconfiança, trabalhar a confiança no resto da equipe, melhorar a imagem da empresa para com os funcionários etc...

Desta forma no ambiente outdoor fica mais fácil e menos contundente evidenciar problemas e sugerir soluções. Aí entra a nossa experiência em conduzir grupos humanos com objetivos definidos. Com certeza uma prática educacional!

Expedições científicas geralmente têm necessidades técnicas especiais, por exemplo, o Programa Antártico Brasileiro, que foi apoiado desde o início pelos guias do CAP (Clube Alpino Paulista), que desde o começo do projeto, garantiram a segurança dos pesquisadores nos deslocamentos sobre glaciares.

Um dos muitos motivos que requerem o preparo especializado é o pronto atendimento a vítimas de acidentes, lesões, enfim, toda sorte de *imprevistos* quando se está lá fora, em uma área remota, pode ter conseqüências muito mais sérias do que em um ambiente urbano, já que o socorro especializado pode estar há horas, dias, ou semanas de distância (se não houver um meio de transporte mais rápido à disposição). Por isso o preparo do profissional que atua em áreas remotas é tão importante.

O que proponho é não nos atermos somente à prática dos guias e instrutores, mas também às outras necessidades citadas no documento da Aguiperj, que são o diferencial da educação física!

O graduado em Educação Física sai com muita bagagem teórica da universidade: didática de ensino, psicologia, primeiros socorros, fisiologia, treinamento em esportes. Tudo isso faz com sejamos os mais aptos a exercer esse ofício de maneira segura e competente.

Basta-nos agregar ao nosso currículo a experiência no esporte, tarefa não muito simples, mas que é muito importante e que a meu ver a universidade não tem a obrigação de propiciar. A vivência, isso sim a universidade tem a obrigação de fornecer e dessa forma ampliar o espectro de atuação do profissional, porque não se pode trabalhar numa coisa, da qual nunca ouvimos falar!

Da mesma forma que outras modalidades ditas *exóticas* e que não merecem uma disciplina só para elas, montanhismo poderia ser considerado como um assunto dentro de um tema maior, por exemplo, *montanhismo* como parte de *esportes outdoor.*

A diferença mais óbvia entre os esportes ditos convencionais e os praticados na natureza, ou não convencionais é que se por ventura o praticante for incompetente ou superestimar suas habilidades ou capacidades; ele vai arcar com as conseqüências imediatamente, e essas conseqüências podem ser desde uma lesão sem gravidade, até a morte.

Entendo como urgente, a inclusão desse assunto nas pautas de discussão na educação física, visto que essa área é tomada de profissionais que quase sempre não tem como principal diferencial o ponto de vista educacional da atividade, e sim são *práticos*, que simplesmente ocupam um lugar no mercado por não haver ninguém mais capacitado para ocupa-lo!

Voltando à discussão principal, este ramo não é mais difícil ou mais técnico que nenhuma outra modalidade da educação física, simplesmente por ser divulgado como *radical*, tendemos naturalmente a nos afastar ou encarar como um grande desafio, mais por desconhecimento que por convicção.

Toda modalidade onde se deseja sair do senso comum, se torna radical ou um desafio!

Creio que os atletas dos vários esportes ditos convencionais como atletismo, ginástica, natação, voleibol etc..., encaram desafios dentro de suas modalidades tão ou mais difíceis quanto os encontrados em escalada e montanhismo. Encarar desafios ou dificuldades é comum a qualquer esporte, e o conhecimento da atividade em que se está envolvido é crucial para que seja possível trabalhar com uma ampla margem de segurança.

Conhecimento, prática e experiência são armas muito poderosas quando se trata de tornar segura uma prática que em tese é arriscada, por isso a necessidade da discussão de um currículo mínimo para os guias de montanha ou pessoas que se propõe a trabalhar na área.

A Aguiperj é a primeira entidade de classe que surge no Brasil com o intuito de regulamentar a profissão de guia e instrutor de escalada.

Através de pré-requisitos estabelecidos a partir de pesquisas e observação empírica, a associação propõe que, cumprindo esses protocolos por ela estabelecidos o profissional estaria habilitado a conduzir clientes/alunos/grupos com mais proficiência e segurança.

Sendo de muita valia para a educação física, essas iniciativas fazem com que tenhamos embasamento teórico-prático para possíveis ementas de disciplinas na universidade.

Para o esporte de montanha em si, também é muito interessante, visto que regulamenta um ofício e o torna mais seguro e acessível para um maior número de pessoas.

O que a educação física tem a ver com esse contexto? É muito simples!

Educação motora, esporte, psicomotricidade, atividade física são conteúdos abrangidos por nossa profissão e que estão presentes também no ofício do Guia de Montanha.

Quero crer que essa lógica faz sentido, mesmo porque não vejo outra profissão mais habilitada a exercer esta profissão com plenitude que a Educação Física.

Há iniciativas apenas na área dos profissionais de Turismo para ocupar este nicho de mercado, mas o que a Aguiperj propõe extrapola o escopo do Turismo, e penetra em um âmbito mais complexo que simplesmente guiar, conduzir, mostrar o caminho à pessoas interessadas em passar um dia ao ar livre.

Educar, treinar, assegurar, conduzir; são tarefas de nosso domínio sim e não há pessoas mais indicadas que profissionais de educação física no Brasil, para exercer essa atividade no mercado de trabalho.

Considerações Finais

Conhecemos a realidade da profissão de Guia de Montanha e as exigências para a atuação neste campo. Sabemos que conseguir ter a experiência necessária para ingressar no curso para obtenção do título de Guia da Aguiperj, é tarefa que demanda anos.

Porém, a vivência do esporte dentro da Universidade, a oportunidade de experimentá-lo, podem ser uma maneira de apresentar novas possibilidades de trabalho ao profissional da educação física. Este documento, junto a esta vivência, vem complementar informações interessantes para que uma profissão ainda nova torne-se mais acessível aos estudantes de educação física.

Esperamos que a partir da instalação de disciplinas que contemplem tal vivência surjam cada vez mais praticantes interessados em qualificar a profissão, em formarem-se para tanto e assim fazer do esporte muito mais que uma atividade especulativa, simplesmente baseada em experiências práticas. Esperamos fazer com que os conteúdos relacionados aos esportes de montanha constituam cada vez mais relações com os conteúdos da educação física, para que nosso leque de possibilidades de trabalho se amplie cada vez mais.

AGUIAR, Flávio. ***Sistema brasileiro de graduação de dificuldade de escalada em rocha*** (proposta da FEMERJ). Desenvolvido por Maurício Clauzet, 2002. Apresentação de textos sobre escalada e montanhismo. Disponível em http://www.hangon.com.br/techinfo/N09/index.html. Acesso em 15.out.2002.

AGUILERA, Máximo M. ***Prevención seguridad y autorrescate***. 2.ed. Madrid: Ediciones Desnivel, 2001.

BECK, Sergio. ***Com unhas e dentes***. São Paulo: Edição do autor, 1995.

CORPO DE SOCORRO EM MONTANHA. ***Apostila do curso de resgate em montanha***. Marumbi: Comissão Técnica do COSMO, 2001.

FRANK, James A.; PATTERSON, Donald E. ***CMC rappel manual***. 2.ed. Santa Barbara: CMC Rescue Inc, 1997.

PADGETT, Allen; SMITH, Bruce. ***On rope***. 2.ed. Huntsville: National Speleological Society, 1996.

PLAZA, Jon M. R. ***Manual de seguridad en trabajos verticales***. Madrid: Ediciones Desnivel, 2001.

THYGERSON, Alton. ***Primeiros socorros***. 4.ed. São Paulo: Editora Randal Fonseca, 2002.